

SONHEMOS JUNTOS

*O CAMINHO PARA
UM FUTURO MELHOR*

PAPA FRANCISCO

À conversa com Austen Ivereigh

Tradução
Manuel Losa SJ

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2020, Austen Ivereigh
© Simon & Shuster, New York, USA
© 2020, Planeta de Livros Portugal

Um especial agradecimento a Alexis Valdés, por permitir a impressão do seu poema
Esperança. Copyright © 2020 por Alexis Valdés. Reimpresso com licença do autor

As citações da Sagrada Escritura são da Bíblia Sagrada, copyright © Difusora Bíblica,
Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2.ª reimpressão, 2010.

Tradução portuguesa © 2020, Austen Ivereigh. Todos os direitos reservados

Título original: *Let Us Dream – The path to a better future*

Revisão: Carlos Jesus

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Janeiro de 2021

Depósito legal n.º 476 934/20

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-777-436-2

www.planetadelivros.pt

Índice

Prólogo

9

PRIMEIRA PARTE

Um tempo para ver

• • •

17

SEGUNDA PARTE

Um tempo para escolher

• • •

57

TERCEIRA PARTE

Um tempo para agir

• • •

105

Epílogo

145

Post-scriptum *por Austen Ivereigh*

151

Prólogo

Vejo este momento como a hora da verdade. Faz-me recordar o que Jesus disse a Pedro: Satanás quer-te «joeirar como o trigo» (Lc 22, 31). Entrar em crise implica ser joeirado. É um momento em que são sacudidas tanto as nossas categorias como as nossas formas de pensar e são postas em questão as nossas prioridades e estilos de vida. Cruzamos um limiar, seja por nossa própria decisão ou necessidade, porque há crises como a que estamos a atravessar que não podemos evitar.

A pergunta é se vamos sair desta crise e, nesse caso, como. A regra básica é que nunca se sai igual de uma crise. Se se passa por ela, sai-se melhor ou pior; mas nunca iguais.

Estamos a viver um momento de provação. A Bíblia fala de atravessar o fogo, para descrever essas provas, como o forno prova o vaso do oleiro (Sir 27, 5). A vida põe-nos à prova, prova toda a gente. É assim que crescemos.

Nas provações da vida, revelas o teu próprio coração: a sua solidez, a sua misericórdia, a sua grandeza ou mesquinhez. Os tempos normais são como as situações sociais formais: a pessoa nunca mostra o que é. Sorris, dizes o correto e sais da situação, sem mostrares quem és na realidade. Mas quando passas por uma crise sucede o contrário: coloca-te perante a necessidade de escolher. E, ao fazeres a tua escolha, revelas o teu coração.

Pensem naquilo que acontece na história. Quando o coração das pessoas é posto à prova, elas tomam consciência do que as estava a travar. Também sentem a presença do Senhor, que é fiel e responde ao clamor do seu povo. O encontro que se consegue ter apresenta-nos a possibilidade de um futuro novo.

Pensa no que fomos vendo durante esta crise da COVID-19. Todos esses mártires: homens e mulheres que entregaram as suas vidas ao serviço dos mais necessitados. Recordemos os médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde, bem como os capelães e todas as pessoas que escolheram acompanhar os outros na dor. Tomando as precauções necessárias, procuraram oferecer apoio e consolo aos outros. Foram testemunhas de proximidade e ternura. Infelizmente, muitos morreram. Em honra do seu testemunho e do sofrimento de tantos, devemos construir o amanhã, seguindo os caminhos que nos apontaram.

Contudo – e digo isto com dor e vergonha –, pensem também nos usurários, nos credores que bateram à porta da gente desesperada. Se estendem uma mão, é para oferecer empréstimos impossíveis de pagar, que acabam por endividar para sempre os que os aceitam. Especulam com o sofrimento alheio.

Em momentos de crise, vê-se o bom e o mau: as pessoas mostram-se como são. Algumas dedicam tempo a servir os necessitados, enquanto outras enriquecem à custa da necessidade dos demais. Alguns saem ao encontro dos outros – de formas novas e criativas, sem se afastarem do seu próprio lar –, ao passo que outros se refugiam por detrás de uma couraça protetora. O coração mostra-se como é.

Não são apenas pessoas individuais a estarem em provação, mas povos inteiros. Pensem nos governos que têm de tomar decisões no meio desta pandemia. Que é mais importante: cuidar das pessoas ou procurar que o sistema financeiro continue

a funcionar? Cuidamos das pessoas ou sacrificamo-las no altar da bolsa? Deixamos em suspenso a maquinaria que gera riqueza, conscientes de que as pessoas sofrerão, embora assim salvemos vidas? Nalguns casos, os governos não conseguiram compreender a magnitude desta doença ou não contaram com os recursos necessários. Estes governos hipotecaram o seu povo. As decisões que tomaram puseram à prova as suas prioridades e ficaram expostos os seus valores.

Numa crise existe sempre a tentação da retirada. É certo que a retirada tática é uma maneira política de atuar lícita – como diz a Bíblia: «Vai para as tuas tendas, Israel!» (1 Rs 12, 16), mas há situações onde a retirada não só não é lícita, como nem sequer é humana. Jesus sublinha-o muito claramente na famosa parábola do Bom Samaritano. Quando o levita e o sacerdote se afastam do homem ferido e golpeado pelos ladrões, optam por uma retirada «funcional». Com isto quero dizer que tratam de preservar o seu lugar – o seu papel, o seu *status quo* – quando se confrontam com uma crise que os põe à prova.

Perante uma crise, os nossos funcionalismos são abalados e têm de ser revistos e corrigidos, a fim de podermos ressurgir da crise como melhores pessoas. Uma crise exige sempre que todo o nosso ser esteja presente; não nos podemos retirar e recuar para os nossos velhos papéis e estilos de vida. Pensemos no Samaritano: detém-se, aproxima-se, age, entra no mundo do homem ferido, adentra-se na situação, no sofrimento do outro, e assim cria um futuro novo.

Agir à maneira do Samaritano, numa crise, implica deixar-me tocar por aquilo que vejo, sabendo que o sofrimento me vai mudar. Nós, cristãos, dizemos que isso é *assumir e abraçar a Cruz*. Abraçar a Cruz, confiando que o que vem é vida nova, que nos dará a coragem para deixarmos de nos lamentar e sair ao encontro

dos outros para os servir e assim suscitar a mudança possível, que só nascerá da compaixão e do serviço.

Alguns respondem ao sofrimento de uma crise encolhendo os ombros. Dizem: «Bom, o mundo é assim, foi assim que Deus o criou.» Mas essa resposta interpreta mal a criação de Deus como algo estático, quando na realidade se trata de um processo dinâmico. O mundo está sempre *em gestação*. Paulo, na sua Carta aos Romanos, diz que a criação inteira geme e sofre dores de parto (Rm 8, 22). Deus quer construir o mundo connosco como colaboradores, a todo o momento. Convidou-nos a que nos unamos a Ele desde o princípio, em tempos de paz e em tempos de crise: desde sempre e para sempre. Não nos encontramos face a algo fechado, empacotado: «Toma, aqui tens o mundo.»

O mandato de Deus a Adão e Eva, no relato do Génesis, é de serem fecundos. A humanidade recebeu o mandato de mudar, construir e dominar a criação, no sentido positivo de criar a partir dela e com ela. Então, o futuro não depende de um mecanismo invisível no qual os humanos são espectadores passivos. Não, somos protagonistas, somos – forçando a palavra – *cocriadores*. Quando o Senhor nos pede que sejamos fecundos, que domine-mos a terra, o que nos está a dizer é: sede *cocriadores* do seu futuro.

Desta crise podemos sair melhor ou pior. Podemos retroceder ou criar algo novo. Neste momento, aquilo de que precisamos é da oportunidade de mudar, de criar espaço a fim de que possa surgir esse novo de que necessitamos. É como Deus diz a Isaías: «Vinde, falemos sobre isto. Se estais dispostos a escutar, tereis um grande futuro, mas se vos negais a escutar, sereis devorados pela espada» (Is 1, 18-20).

Há tantas espadas a ameaçar devorar-nos.

A crise provocada pela pandemia da COVID-19 parece única, porque afeta a maior parte da humanidade. Mas eu diria

que é especial somente pela sua visibilidade. Existem milhares de outras crises igualmente terríveis, mas por serem tão longínquas é como se não existissem, para alguns de nós. Pensemos, por exemplo, nas guerras disseminadas em diversas partes do mundo, na produção e tráfico de armas; nas centenas de milhares de refugiados que fogem da pobreza, da fome e da falta de oportunidades; das mudanças climáticas. Estas tragédias podem parecer-nos longínquas, como parte das notícias diárias que tristemente não conseguem mobilizar as nossas agendas e prioridades. Mas, à semelhança da crise provocada pela COVID-19, afetam toda a humanidade.

Quando lê o orçamento de um país o gasto em armas, fica gelado. Se depois comparamos esses números com as estatísticas da UNICEF sobre as crianças sem acesso à educação, que dormem com fome, apercebemo-nos de quem paga o preço dos gastos em armas. Nos primeiros quatro meses deste ano *morreram 3,7 milhões de pessoas por causa da fome*. E quantos mais morreram em consequência da guerra? O gasto em armas destrói a humanidade. É um coronavírus gravíssimo, mas, como as suas vítimas são invisíveis, não falamos disso.

Da mesma forma para alguns está escondida a destruição da natureza. Pensávamos que não nos afetava, porque sucedia noutro lado. Mas de repente vemo-la, entendemo-la: um barco cruza o Polo Norte, e damo-nos conta de que as inundações e os incêndios florestais, que pareciam tão remotos, são parte da mesma crise que nos afeta a todos.

Olha como estamos agora: colocamos a máscara para nos protegermos a nós mesmos e aos outros de um vírus que não podemos ver. Mas que fazemos com os restantes que não podemos ver? Como podemos encarar as pandemias ocultas deste mundo, as pandemias da fome, da violência e da mudança climática?

Se queremos sair desta crise menos egoístas do que quando entrámos, precisamos de nos deixar tocar pela dor dos outros. Há uma frase no poema *Hyperion* de Friedrich Hölderlin que me diz muito. Afirma que a ameaça do perigo no meio de uma crise nunca é total, que há sempre uma saída para escapar à destruição: «Onde está o perigo, cresce também o que nos salva.»¹ Esse é o génio na história humana: há sempre uma saída para escapar à destruição. A humanidade tem de agir precisamente aí, na própria ameaça: é aí que se abre a porta. Esta frase de Hölderlin acompanhou-me em distintas situações da minha vida.

Este é o momento para sonhar em grande, para repensar as nossas prioridades – o que valorizamos, o que queremos, o que buscamos – e comprometermo-nos nas coisas pequenas e atuar em função do que sonhamos. O que ouço neste momento é semelhante ao que Isaías ouviu Deus dizer através dele: *Vinde, falemos sobre isto. Atrevamo-nos a sonhar.*

Deus pede-nos que nos atrevamos a criar algo novo. Não podemos voltar à falsa segurança das estruturas políticas e económicas que tínhamos antes da crise. Precisamos de economias que permitam a todos o acesso aos frutos da criação, às necessidades básicas da vida: terra, teto e trabalho. Precisamos de políticas que possam integrar e dialogar com os pobres, os excluídos, os vulneráveis, e lhes permitam ter voz nas decisões que afetam as suas vidas. Há que reduzir a velocidade, tomar consciência e desenhar maneiras melhores para conviver neste mundo.

É uma tarefa para todos, que nos convoca a todos; é um bom tempo para os inquietos de espírito, essa sã inquietude que mobiliza para a ação. Hoje, mais do que nunca, ficou exposta a falácia

¹ Hölderlin, *Sämtliche Werke*, Stuttgarter Ausgabe, Band 2, Teil 1, S. 165, Stuttgart, 1951.

de transformar o individualismo no princípio que rege a nossa sociedade. Qual será o nosso novo princípio?

Temos necessidade de um movimento popular que saiba que necessitamos uns dos outros, que tenha sentido de responsabilidade pelos outros e pelo mundo. Precisamos de proclamar que ser compassivos, ter fé e trabalhar pelo bem comum são grandes metas da vida, que requerem coragem e vigor; ao passo que a vaidade, a superficialidade e a troça da ética não nos fez nenhum bem. A era moderna, que tanto desenvolveu e projetou a igualdade e a liberdade, precisa agora de acrescentar, com o mesmo impulso e tenacidade, a fraternidade, para enfrentar os desafios que temos pela frente. A fraternidade dará à liberdade e à igualdade a justa sinfonia.

Milhões de pessoas perguntaram a si mesmas e entre si onde poderiam encontrar Deus nesta crise. O que me vem à mente é a imagem do transbordar de um rio. Penso nos grandes rios que crescem e se alargam de uma maneira tão gradual que é quase impercetível, até que chega o momento em que transbordam e derramam as suas águas. Na nossa sociedade, a misericórdia de Deus brota nestes «momentos de transbordo»; derrama-se, quebrando barreiras tradicionais, que impediram que tantas pessoas tenham acesso ao que merecem, abanando os nossos papéis e modos de pensar. O transbordar encontra-se no sofrimento que esta crise deixou exposto e na criatividade com que tantos procuram responder a ela.

Vejo um transbordar de misericórdia derramando-se ao nosso redor. Os corações foram postos à prova. A crise suscitou em alguns uma coragem e uma compaixão novas. Alguns foram sacudidos e responderam com o desejo de reimaginar o nosso mundo, outros procuraram socorrer, com gestos muito concretos, as carências de tantos, capazes de transformar a dor do nosso próximo.

Isto enche-me de esperança de que possamos sair melhores desta crise. Mas precisamos de ver claramente, de escolher bem e agir em consequência.

Falemos sobre a forma de o fazer. Deixemos que as palavras de Deus a Isaías sejam dirigidas a nós: *Vinde, falemos sobre isto. Atrevamo-nos a sonhar.*

PRIMEIRA PARTE

—•—
UM TEMPO PARA VER

NESTE ÚLTIMO ANO DE MUDANÇA e crise, tanto a minha mente como o meu coração transbordam de nomes. Pessoas em quem penso e por quem rezo, e com quem choro, por vezes: pessoas com muitos nomes e rostos, pessoas que morreram sem poder despedir-se daqueles que amavam, famílias em dificuldade porque não há trabalho e inclusivamente passam fome.

Às vezes, quando se pensa globalmente, pode-se ficar paralisado: há tantos focos de conflito que parecem não dar tréguas, há tanto sofrimento e tantas necessidades. Mas ajuda-me muito concentrar-me no concreto das situações, assim veem-se rostos ansiosos de vida e amor, vê-se a realidade de cada pessoa, de cada povo. Vê-se a esperança estampada na história de cada nação, que é gloriosa porque é uma história feita de sacrifícios, de luta quotidiana, de vida, de dedicação e entrega, e isso, mais do que impressionar-te, convida-te a ponderar e a dar uma resposta de esperança.

Tem de se ir às periferias se se quer ver o mundo como ele é. Sempre pensei que o mundo se vê com mais clareza a partir das periferias, mas nestes últimos sete anos como Papa acabei por o comprovar. Tem de se ir às periferias para encontrar um futuro novo. Quando Deus quis regenerar a Criação, quis ir à periferia: aos lugares de pecado e miséria, de exclusão e sofrimento, de doença e solidão, porque também eram lugares cheios de possibilidades: porque «onde abundou o pecado, sobreabundou a graça» (Rm 5, 20).

Mas não se pode ir à periferia em abstrato. Penso muitas vezes nos povos perseguidos: os pobres rohingyas, os uigures, os yazidis – o que o Daesh lhes fez foi de uma crueldade inaudita – ou os cristãos no Egito e no Paquistão, mortos por bombas que explodiram enquanto rezavam nas igrejas. Tenho um carinho especial pelo povo rohingya. Os rohingyas são, neste momento, o grupo mais perseguido da Terra. Procuo estar próximo deles na medida do possível. Não são católicos nem cristãos, mas são nossos irmãos e irmãs, um pobre povo maltratado por todos os lados, que não tem para onde ir. Presentemente, há milhares deles em campos de refugiados no Bangladesh, onde a COVID-19 está descontrolada. Imagina o que se passa com o vírus num campo de refugiados. É uma injustiça que brada aos céus.

Reuni-me com os rohingyas em 2017, em Daca. São gente boa, gente que quer trabalhar e cuidar das suas famílias, mas isso não lhes é permitido. Uma população inteira acantonada e encurralada. No entanto, há algo que também me emociona, a generosidade fraterna demonstrada pelo Bangladesh. É um país pobre e densamente povoado; apesar disso, abriu as suas portas a 600 000 pessoas. A primeira-ministra de então disse-me que, para que um rohingya pudesse comer, os cidadãos do Bangladesh renunciavam a uma refeição por dia. Quando, no ano passado, me deram um prémio em Abu Dhabi – uma quantia importante –, mandei-o diretamente para os rohingyas: um reconhecimento de muçulmanos para outros muçulmanos.

Ir às periferias no concreto, como neste caso, permite tocar o sofrimento e as carências de um povo, mas permite também que se descubram as alianças possíveis que já se estão a fazer para as apoiar e encorajar. O abstrato paralisa-nos, mas focar-nos no concreto abre caminhos de possibilidades.

Este tema da ajuda aos outros acompanhou-me durante estes últimos meses. Na quarentena, rezei muitas vezes por aqueles

que procuraram, por todos os meios, salvar a vida de outros. Não quero dizer que com isto foram imprudentes ou negligentes; é claro que não procuravam morrer e fizeram todo o possível por evitar a morte, mas por vezes não puderam evitá-la, porque não tinham a proteção necessária. Não escolheram salvar as suas vidas antes das dos outros. Muitos enfermeiros, médicos e profissionais de saúde pagaram o preço do amor, juntamente com sacerdotes, religiosos e religiosas e tantas outras pessoas com vocação de serviço. Retribuímos o seu amor chorando por eles e prestando-lhes homenagem.

Não importa se o fizeram conscientemente ou não, a opção que fizeram foi testemunho daquilo em que acreditavam: é melhor uma vida dedicada ao serviço dos outros do que uma vida resistindo a esse chamamento. Por isso, em muitos países, as pessoas aplaudiram-nos desde as suas casas, como gesto de reconhecimento e admiração. Estes santos próximos da nossa vida quotidiana, são os que despertaram algo de importante no nosso coração, e tornaram credível, uma vez mais, o que desejamos cultivar com a pregação.

São esses os anticorpos contra o vírus da indiferença. Recordam-nos que a vida é um dom e que crescemos quando nos damos aos outros; não se trata de nos preservarmos, mas sim de nos entregarmos para servir.

Que sinal tão oposto ao individualismo, à obsessão pelo individual e à falta de solidariedade que parece impor-se nas nossas sociedades mais desenvolvidas! Será que estes cuidadores, que infelizmente já não estão connosco, nos mostram o caminho para a reconstrução?